IBGE(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Agência)

Notícias. Brasil. Educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2018. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-dameta-para-2015>. Acesso em: : 28 de fev. 2022.

MARTINS, E. B. e col. A educação como aporte de socialização e constituição da cidadania: compreendendo as relações de poder como subsídio teórico na configuração dos processos educativos. s/d

NASCIMENTO, L. R. e PRATTI, R. C. B. Pedagogia da afetividade no processo de ensino- aprendizagem. In Monografia do curso de Pedagogia. Serra. 2011

PENTEADO, Fernanda. (org) SAE BLOG (Brasil). SAE Digital. BNCC: O que é a Base Nacional Comum Curricular e qual é o seu objetivo. 2019. Disponível em: <https://blog.sae.digital/conteudo/bncc-o-que-e-qual-e-o-seu-objetivo/>. Acesso em: 28 de fev. 2022.

PILETTI, Claudino; PILETTI Nelson. História da educação. 7. ed. São Paulo:

Ática, 1997. 240p.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. In Paidéia. Nº 04. Ribeirão Preto. 1993

RICCI, Cláudia Regina Fonseca Miguel Sapag. A formação do professor e o ensino de história. Espaços e dimensões de práticas educativas (Belo Horizonte, 1980/2003). 2003. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2003. doi:10.11606/T.8.2003.tde-12032004-170729. Acesso em: : 28 de fev. 2022.

SANTOS, A. C. C. Reformas Educacionais no Brasil. 2010

SCHNEIDER, M. J. e col. A importância das políticas públicas educacionais na região do Pampa. In anais do VII Salão do Instituto de Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade Federal do Pampa. s\d

SCHWARTZMAN, S. e col. Os desafios da educação no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2005.

SOUZA, A. M. e col. As três gerações de reformas educacionais e os desafios do ensino básico. Rio de Janeiro. s\d

SOUZA, P. R. A importância das políticas públicas no âmbito de uma escola púbica municipal, partindo de uma gestão democrática. In XIII Jornada de ensino, pesquisa e extensão. Recife. 2013.

A IMPORTÂNCIA DE BRINCAR COM BRINQUEDOS E MATERIAIS NÃO ESTRUTURADOS

FERNANDA DOMICIANO SANTANA RODRIGUES

AGRADECIMENTOS

À minha amada família que sempre me apoiou em todos os momentos de minha vida são eles: Meu querido esposo Robson que me incentivou desde o início desse projeto, minha doce filha Milena que mesmo sendo muito pequena, teve paciência e respeito pela minha ausência durante esse período. Minha mãe Maria da Penha que é meu exemplo de força, garra e vontade.

Serei eternamente grata a todos vocês que me apoiaram durante esse período de entrega e ausência.

"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo não ensino".

(Paulo Freire).

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de nos fazer pensar sobre a importância da brincadeira simbólica com os materiais não estruturados nas Unidades de ensino. Materiais que são de fácil acesso para as crianças, pois fazem parte da sua rotina. Despertar a curiosidade, criatividade, liberdade e o prazer durante a brincadeira é um dos papéis do professor mediador. E ele quem vai ajudar os pequenos ao inserir e propor situações onde a criança tenha acesso aos materiais que são ricos em: formas, cheiros, texturas e cores. O ambiente educacional também favorece o aprendizado das crianças. É importante a organização, seleção e higiene desses materiais, para que nas mãos das crianças eles tenham muitos significados e transformem se de acordo com a vontade dos pequenos. Parte se assim do princípio de um estudo teórico, de revisão literária qualitativa de cunho dissertativo, que se realizou por intermédio de artigos de pesquisas que retratam o presente assunto. Com a presente pesquisa, podemos compreender o quanto a brincadeira pode ser estimulada com esses materiais, pois a imaginação infantil é quem vai conduzir a brincadeira e transformá-la em aprendizado.

Palavras-chave: Materiais Não Estruturados, Brincadeira, Crianças.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca reconhecer a importância de brincar com materiais e brinquedos não estruturados nas Unidades de Educação Infantil. A criança quando brinca com brinquedos estruturados apenas imita o que fazem os adultos com ele usando literalmente para o que servem. Para acontecer o jogo simbólico ou faz de conta à criança brinca com o material não estruturado e lhe da o significado que deseja durante a brincadeira.

Quando compramos um brinquedo pronto para os pequenos dificultamos que nasça uma brincadeira criativa e que a criança ao brincar tenha prazer e liberdade ao escolher os materiais.

Qualquer material serve para fazer parte das brincadeiras infantis, desde os materiais recicláveis como os elementos que a própria natureza nos oferece. A natureza é um lugar perfeito para estimular as brincadeiras das crianças, pois nada é totalmente estruturado, os pequenos se abastecem dela para brincar e usar a imaginação, criatividade e liberdade.

Partindo desse pressuposto nas Unidades de Educação Infantil é de extrema importância e fundamental para o aprendizado das crianças o papel do professor mediador, pois é ele quem vai proporcionar situações para a formação da personalidade e construção da identidade dos pequenos. Além de fazer as intervenções necessárias para que as crianças tornem se livres críticas e criativas. E descubram se como seres pensantes os transformando em sujeitos de sua própria aprendizagem.

Ainda sobre a temática defendida, os lugares e espaços das escolas são fatores de grande significado para o aprendizado das crianças no trabalho com materiais não estruturados.

Uma escola deve ter boa infraestrutura, espaços bem organizados e próprios para receber todos os seus alunos, independente de raça, cor, religião e classe social. A Unidade de Ensino deve ser considerada como um espaço de amizades, respeito, convivência, no qual a criança sinta se segura e confiante. É por isso que o espaço e ambiente escolar são considerados um segundo educador.

Para Ana Lúcia Goulart:

Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das ideias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem das crianças, dos adultos que a organizaram; é uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças. (GOULART)

Vale dizer que essa temática surgiu a partir do interesse em conhecer e identificar a importância desses diversos materiais não estruturados que nos rodeiam e fazem parte da nossa rotina.

Acredito que esse trabalho traga suporte ao leitor que busca apoio pedagógico voltado para o brincar, por meio dos jogos simbólicos e faz de conta, com o auxílio desses recursos que promovem o fazer criativo e expressivo das crianças.

2. Justificativa

O presente estudo tem como objetivo analisar a importância do brincar utilizando o jogo simbólico e os materiais não estruturados. O brincar é imprescindível para o desenvolvimento infantil e fundamental para os avanços sociais e cognitivos que são mediados pelo brinquedo.

A criança satisfaz suas necessidades brincando, porém com o passar do tempo essas necessidades aumentam de acordo com o seu desenvolvimento. Crianças na faixa etária de quatro a seis anos de idade, muitas vezes desejam algo impossível de ser realizado imediatamente. Para Vygotsky:

O brinquedo surge dessas necessidades não realizáveis de imediato. Eles são construídos quando a criança começa a experimentar tendências não realizáveis: para resolver a tensão gerada pela não realização de seu desejo, a criança envolve se em um mundo ilusório e imaginário onde seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser. (VYGOTSKY, 1998).

A imaginação trata se de um processo psicológico novo para a criança, ainda em Vygotsky: "é no brincar que a criança cria e expressa uma situação imaginária, projeta se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores". (VYGOTSKY, 1998).

É comum ao analisarmos as brincadeiras infantis nos depararmos com os jogos simbólicos ou faz de conta. Durante essas brincadeiras as crianças criam situações e realizam papéis de atuação importantes na sociedade. Brincar implica numa ação intencional e criativa, durante a brincadeira não existe a preocupação com o erro e não há constrangimentos.

Como nos aponta Vygotsky:

A imaginação, como base de toda a atividade criadora, se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, em diferenciação ao mundo da natureza, tudo é produto da imaginação e da criação humana, baseados na imaginação. (VYGOTSKY, 1998.).

Diante dessa afirmação indago neste trabalho a importância dos brinquedos não estruturados nas Unidades Educacionais de Educação Infantil, assim como o ambiente es-

colar que é considerado um segundo educador. As salas, brinquedotecas, pátio, quadra e parque são espaços de aprendizagem e de interação social. Esses ambientes são vistos como algo que educam as crianças, a palavra LorisMalaguzzi:

Valorizamos o espaço devido ao seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele. (MALAGUZZI, 1984.).

O papel do professor é o de provocar oportunidades de descobertas que são inspiradas e estimuladas no diálogo e no fazer junto com a criança, como coconstrutor do conhecimento. Segundo Rubizzi:"É como se estivéssemos decolando juntos em uma viagem. Ela pode ser curta, ela pode ser longa. Mas existe uma vontade intensa de fazê- la juntos". (RUBIZZI, 1990.).

As unidades de ensinos são ambientes transformadores e de interação entre crianças de diferentes idades e crianças com adultos. Ainda em Malaguzzi:

A escola é um organismo dinâmico e inexaurível e possui dificuldades e controvérsias, mas sobretudo, alegria e capacidade para lidar com as perturbações externas. O que conta é a existência de um acordo acerca da direção a ser tomada, e que todas as formas de artifício e de hipocrisia sejam repudiadas. O objetivo, é criar um ambiente amistoso, onde crianças, famílias e professores sintam se confortáveis. (MALAGUZZI, 1984, p. 69.).

O brincar é um jeito de existir é uma possibilidade de sonhar e pensar ao mesmo tempo. Descobrimos o mundo tocando coisas, objetos e nos relacionando com a natureza. Brincar com os brinquedos e materiais não estruturados promove a socialização, integração, descobertas, conquistas, criação, imaginação, cultura, prazer etc. O brinquedo é um pedaço de cultura na mão da criança, os pequenos quando imaginam e criam o próprio brinquedo ou brincadeira constroem assim, o conhecimento sobre o mundo.

3. Problema de Pesquisa

A Importância de brincar com brinquedos e materiais não estruturados.

4. Objetivos

Objetivo Geral

Qual é a importância de brincar com brinquedos e materiais não estruturados para a construção da identidade na infância.

Objetivos Específicos

Identificar a importância dos brinquedos e materiais não estruturados nas unidades educacionais.

Identificar o papel do professor como mediador do ensino e aprendizagem.

Reconhecer lugares e espaços como elementos educacionais na educação infantil.

5. Método de Pesquisa

O presente trabalho de pesquisa é um estudo de revisão literária qualitativa de cunho dissertativo que se realiza por intermédio do resgate e da análise de produções teóricas contemporâneas. Por conseguinte, constituiu-se uma noção ampla a respeito do seguinte assunto: "A importância de brincar com brinquedos e

materiais não estruturados". A revisão literária tem como objetivo de estudo responder a um problema de pesquisa dentro de um quadro de referência teórico que pretende explicá-lo. Esta pesquisa se iniciou em junho de 2016, finalizando-se em agosto do mesmo ano; como trabalho de conclusão de curso de Pós-Graduação em Educação infantil e Alfabetização. A pesquisa pretende dialogar com os seguintes autores: Vygotsky (1998), Loris Malaguzzi (1984), Rubem Alves (2002), dentre outros nomeados nas referências bibliográficas.

6. Discussão (Composição Teórica)

6.1.Por que brincar com materiais não estruturados?

O brinquedo é necessário e fundamental para o desenvolvimento das crianças. Brincando a criança se inicia na representação de papéis do mundo adulto que irá desempenhar mais tarde. Desenvolve capacidades físicas, verbais e intelectuais, tornando capaz de se comunicar. As brincadeiras e os brinquedos são, portanto, fatores de comunicação mais amplos do que a linguagem, pois propiciam o diálogo entre pessoas de culturas diferentes.

A escolha dos brinquedos precisa trazer significado para estimular a fase que a mesma encontra se e a sua brincadeira. É comum nas brincadeiras infantis os pequenos utilizarem objetos do cotidiano para darem sentido à brincadeira, uma simples caixa pode virar uma casa, um esconderijo, um carro e até um foguete. Isso depende da ima-

ginação e direção que a criança dará a esse objeto, que virou o seu brinquedo favorito durante aquela ocasião.

Para Vygotsky:

O brinquedo desempenha varias funções no desenvolvimento, como: preencher as diversas necessidades das crianças, permitir o envolvimento da criança num mundo ilusório, favorecer a ação na esfera cognitiva, fornecer um estagio de transição entre pensamento e objeto real, possibilitar maior autocontrole da criança, uma vez que lida com conflitos relacionados as regras sociais e aos seus próprios impulsos. (VYGOTSKY, 1989.).

De Acordo com Oliveira: (1984),

[...] o interesse pela origem dos brinquedos há muito tempo tem levado pesquisadores a desvendar pelo mundo afora resquícios e retratos que pudessem associar o fenômeno do brinquedo e o ato de brincar ao contexto histórico dos diversos grupos sociais. A partir da Segunda Guerra Mundial houve maior incorporação dos brinquedos de plástico. Começa aí, também, o aumento da violência nas ruas, e as mulheres passam a ficar presas em casa, tendo a televisão e os brinquedos como companhia, já que as mulheres começaram a ter o direito e o dever de trabalhar para garantir a subsistência familiar. Dessa forma os brinquedos industrializados passaram a ser os mais adequados à ordem doméstica, justamente por serem práticos e funcionais, não provocarem sujeira, e quando quebrados, virarem lixo e poderem ser substituídos por outros. Com a crescente industrialização do brinquedo, cada vez mais "aumentam" as opções de brincar; aumento questionável se for considerado que os brinquedos não estruturados são os que permitem um maior uso da imaginação e da criatividade. (OLIVEIRA, 1984.).

A venda dos brinquedos industrializados cresce cada dia mais. Devido a vários fatores: como o consumo exagerado das famílias, que muita das vezes supre a falta da sua figura com brinquedos, jogos e aparelhos eletrônicos. É comum e necessário pai e mãe trabalharem e nesses casos as crianças ficam a maior parte do tempo nas escolas. Para compensarem essa ausência as famílias presenteiam as crianças com os mais diversos tipos de brinquedos. Como bonecas que andam, falam, cantam e comem. Carrinhos velozes que transformam se em robôs, jogos diversos, vídeo games e até aparelhos tecnológicos como celulares e tablets que muitas vezes não são indicados para a faixa etária que a criança encontra se.

Segundo Rubem Alves:

Que desafio existe em uma boneca que fala quando se aperta a sua barriga? Que desafio existe num carrinho que anda ao se apertar um botão? Como os brinquedos de professor Pardal, eles logo perdem a graça. Mas um cabo de vassoura vira um brinquedo se ele faz um desafio: "Vamos, equilibre - me em sua testa!" Quando era menino, eu e meus amigos fazíamos competições para saber quem era capaz de equilibrar um cabo de vassoura na testa por mais tempo. O mesmo acontece com uma corda no momento em que ela deixa de ser coisa para se amarrar e passa a ser coisa de se pular. (Folha de São Paulo de 17/12/2002).

Para Susan Linn:

Brinquedos estruturados são baseados em características de mídias, que só podem ser usados de uma única maneira e que requerem o mínimo de esforço das crianças. Eles limitam suas habilidades de interagir com o brinquedo, de imprimir nele suas características pessoais, de usa ló como forma de se expressar e de conquistar uma sensação de domínio sobre seu mundo. (LINN, p. 43.).

A violência é outro fator, pois esta cada vez mais difícil de brincar na rua, devido ao risco de assaltos, acidentes etc. Atualmente não vemos as crianças brincando com seus amigos nas calçadas e ruas da cidade. Brincadeiras em grupo só acontecem nas escolas e quando a Unidade de Ensino proporciona e ensina para os educandos. Que muitas das vezes nunca brincaram fora de casa.

Brincadeiras como; cabo de guerra, queimada, rouba bandeira, chicotinho queimado, corre cotia, esconde-esconde, bolinha de gude, elástico, casinha, pular corda, adoleta, etc.; são brincadeiras infantis populares que fazem parte da cultura da infância brasileira.

O resgate das brincadeiras de rua deve ser revivido, pois dá prazer às crianças, fazem parte da cultura infantil e utilizá-los é mais uma forma de trazê-los para o presente. Essas brincadeiras ajudam a criança na percepção que histórias individuais e coletivas participam da construção da história da sociedade. Ajuda a situar o educando no momento histórico em que vive, estabelecendo relações entre a dinâmica de tempos próximos e distantes numa multiplicidade temporal. Como nos aponta Kishimoto:

[...] as brincadeiras tradicionais fazem parte do folclore infantil, trazem consigo parte da cultura popular, pois são transmitidas oralmente, guardam a produção espiritual de um povo em certo período histórico, estando sempre em transformação, incorporando criações de novas gerações que venham a sucedê-las. (KISHIMOTO, 2006, p. 13-43.).

As Unidades Educacionais Infantis precisam investir e ter esse novo olhar pedagógico para o brincar, pois a infância acontece dentro da escola. É nesse momento que esses materiais e brinquedos não estruturados devem estar à disposição das crianças. Os materiais são os mais simples e diversos como: caixas de diferentes tamanhos, pneus, carretéis, garrafas pet, tampinhas diversas, condu-

ítes, plástico bolha, caixas de ovos, rolhas de garrafa, tampas de panelas, pedras, tecidos etc. Todos esses materiais que possivelmente iriam para a coleta de lixo, são ricos em formas, cores, cheiros, diferentes texturas e principalmente são materiais que servem de apoio e construção para novas brincadeiras. E também podem transformar se em brinquedo construído pela própria criança com a ajuda e intervenção dos professores. Criação, interação o brinquedo nunca morre, cada dia torna se uma coisa diferente. É exatamente isso que os brinquedos e materiais não estruturados propõem as crianças, liberdade para criar, construir, investigar, explorar e principalmente imaginar.

Para Susan Linn: "Com brinquedos não estruturados, os "valores da brincadeira" estão muito mais na criança. Dessa forma, ela precisa confiar em seus próprios recursos para conduzir a brincadeira". (LINN, p. 43.).

A escola é um ambiente onde todos os seus funcionários são educadores, direção, corpo docente, cozinha e limpeza. Todos devem trocar saberes com as crianças, o aprendizado deles está ligado à rotina escolar. Todos os momentos favorecem e contribuem para o desenvolvimento social e cognitivo. As brincadeiras na sala de aula a princípio com uma meta geralmente proposta pelo professor, depois essa brincadeira sai das paredes da sala e vai para outros espaços da escola como; parque, pátio, quadra etc. Situações como a hora da higiene e da alimentação são fundamentais para o desenvolvimento e esses momentos são ricos e importantes para os pequenos. Todos os funcionários, independente da sua área precisam contribuir para a formação dessa criança. O objetivo da escola é fazer com que as crianças gostem e sintam o gosto da cultura escolar.

Franco Rigolli diz:

Nós podemos fazer a mágica de transformar em algo extraordinário o ordinário bem - feito na rotina de todos os dias. Esse extraordinário do ordinário bem – feito todos os dias se consegue criando, fantasiando, inovando na execução de atividades cotidianas. Não queremos silêncio e imobilidade. Queremos participação, iniciativa, criatividade, inovação, fantasia e responsabilidade compartilhada. (RIGOLLI, 2009, p. 29.).

As famílias e a comunidade escolar devem ser convidadas a acompanhar e participar dessa proposta lúdica e transformadora da escola. É comum a preocupação dos pais e responsáveis estarem ligadas a alfabetização na Educação Infantil, por isso que a escola tem o papel de orientar e mostrar aos familiares que nessa faixa etária a importância do brincar antecede qualquer outra linguagem. Podemos dizer que as atividades lúdicas, os jogos, permitem liberdade de ação, pulsão interior, naturalidade e, consequentemente, prazer que raramente são encontrados em outras atividades escolares. Além de proporcionar prazer e diversão, o jogo, o brinquedo e a brincadeira, podem representar um desafio e provocar o pensamento reflexivo da criança. Assim, uma atitude lúdica efetivamente oferece aos alunos experiências concretas, necessárias e indispensáveis às abstrações e operações cognitivas.

Para Almeida:

A educação lúdica contribui e influência na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. (ALMEIDA, 1995, p. 41.).

6.2.O papel do professor como mediador da aprendizagem

O papel do professor é o de ajudar as crianças a descobrirem seus próprios problemas e questões. O objetivo não é o de facilitar a aprendizagem e sim estimular os educandos tornando os seus problemas mais complexos, envolventes e excitantes. Para conhecer o ritmo e os desejos da criança é fundamental a observação atenta do cotidiano que deve ser registrada.

A liberdade, ausência de intervenção não significa abandono ou falta de cuidado. Ao contrário, é um cuidado respeitoso, planejado intencionalmente para não direcionar a atividade da criança pela perspectiva do adulto.

Fontana e Cruz afirmam que:

Deixa se de esperar das crianças a postura de ouvinte valorizando se sua ação e sua expressão. Possibilitar a criança situações em que ela possa agir e ouvi-la expressar suas elaborações passam a ser princípios básicos da atuação do professor. (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 110.).

A criança precisa ser ouvida para que através, de suas palavras e da problematização feita a partir delas, ocorra uma aprendizagem ativa e crítica.

Segundo Fontana e Cruz:

Pensar sobre o modo como a criança utiliza a palavra, é pensar em uma atividade intelectual nova e complexa. Assim, o que a professora faz é levar as crianças a desenvolverem um tipo de atividade intelectual que elas ainda não realizam por si mesmas. (FONTANA; CRUZ, 1997.).

Neste sentido que consiste a intervenção e o papel do professor na prática educativa. Por meio de suas orientações, intervenções e mediações, o professor deve provocar e instigar as crianças a pensarem criticamen-

te e a se colocarem como sujeitos de sua própria aprendizagem.

Fontana diz que:

É preciso que o adulto assuma o seu papel com o objetivo claro da relação de ensino (que é o de ensinar), levando em consideração a condição de ambos os lados dessa prática, como parceiros intelectuais, desiguais em termos de desenvolvimento psicológico e dos lugares sociais ocupados no processo histórico, mas por isso mesmo, parceiros na relação contraditória do conhecimento. (FONTANA, 2000.).

O professor deve estar ciente de que não basta apenas tratar de conteúdos na sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social.

Por isso como afirma Kramer:

O trabalho pedagógico precisa se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, indivíduos que vivem em sociedade, cidadãs e cidadãos. Isso exige que levemos em consideração suas diferentes características, não só em termos de histórias de vida ou de região geográfica, mas também de classe social, etnia e sexo. Reconhecer as crianças como seres sociais que são implica em não ignorar as diferenças. (KRAMER, 1989, p. 19.).

Devemos considerar as experiências sociais acumuladas de cada aluno e seu contexto social, de modo a construir a partir daí, um ambiente escolar acolhedor em que a criança sinta se parte do todo e esteja totalmente aberta a novas aprendizagens.

O processo de organização do trabalho pedagógico implica dentre outras as seguintes providencias: implementar a proposta curricular da escola de acordo com as políticas educacionais vigentes; elaborar projetos de intervenção para a melhoria do processo educativo sem distanciar se da realidade vivida; discutir o planejamento quanto a seleção de conteúdos; seleção de recursos didáticos para mediar o ensino e aprendizagem; construir projetos; identificar e planejar o atendimento às dificuldades de aprendizagem; decidir a escolha de materiais e equipamentos de uso pedagógico etc. Muitas são as funções dos professores e gestores da escola. O professor deve estar em constante questionamento sobre as suas ações profissionais para reavaliá-las e atualizá-las de acordo com a realidade local.

O trabalho com materiais e brinquedos não estruturados necessita de planejamento e objetivo. É papel do professor, após a escuta das crianças, desenvolver um projeto com a turma e utilizar esses recursos. É de extrema importância à comunicação com os pais e comunidade escolar, eles devem conhecer qual é o projeto que será trabalhado com os pequenos e serem parceiros durante todo o processo. As famílias podem dar continuidade ao projeto em casa, orientando as crianças e relatando ao professor todos os avanços e curiosidades deles sobre o tema abordado.

Os materiais não estruturados estão em todo lugar, a coleta deve envolver todos os funcionários da escola, pais e a comunidade. O professor organiza os materiais que serão utilizados no projeto junto com as crianças. Esses materiais devem estar ao alcance dos pequenos, organizado e limpo. E durante a realização da atividade o professor faz as intervenções necessárias para ajudar na construção dos saberes das crianças.

Laura Rubizzi diz: “Eu trabalho em um estado de incerteza porque não sei onde as crianças chegarão, mas esta é uma experiência fabulosa!”. (RUBIZZI, apud. apud EDWARDS; GANDINI; FORMAN, p. 157.).

E Vea Vecchi acrescenta:

Você esta sempre com medo de perder aquele momento quente. É realmente um ato de “equilibrar as coisas”. Acredito na intervenção, mas pessoalmente estou propensa a esperar, pois notei que as crianças frequentemente resolvem o problema por conta própria, e nem sempre da forma que eu teria proposto! Elas frequentemente encontram soluções que eu jamais teria percebido. Contudo, às vezes, esperar significa perder o momento. Assim, é uma decisão que precisamos tomar muito rapidamente. (VECCHI,apud. EDWARDS; GANDINI; FORMAN, p. 157.).

A relação pedagógica transforma estudantes em alunos, mediante a estrutura da conversa entre eles e o professor, ao surgir perguntas, respostas e o retorno que é dado a cada um.

Para LorisMalaguzzi

Precisamos de um professor que às vezes seja o diretor, às vezes o criador do cenário; que às vezes seja a cortina e o fundo, e às vezes aquele que sopra as falas. Um professor que seja igualmente doce e rígido, que seja o eletricista, que distribui as tintas e que pode até ser o público- o público que observa, que às vezes bate palmas, às vezes fica em silêncio, cheio de emoção, que às vezes julga com ceticismo, e outras aplaude com entusiasmo. (MALAGUZZI, apud.

RINALDI, 2006, p. 89.).

O professor deve estar sempre observando e refletindo para o ensino não se tornar uma rotina mecanizada. Pois quando propõe a trabalhar com crianças, deve se ter como princípio conhecer seus interesses e necessidades. Saber verdadeiramente quem são seus alunos, a fase de desenvolvimento em que se encontram as características de sua faixa etária, saber um pouco da história de cada um, conhecer as famílias. Só assim

pode se compreender quais são as reais possibilidades dessas crianças, lembrando que, para elas, a classe inicial é a porta de entrada para uma vida social ampla, longe do ambiente familiar.

6.3. Lugares e Espaços como elementos educacionais

Um ambiente de aprendizagem escolar é um ambiente em que um indivíduo está sujeito a oportunidades de ensino. O ambiente de aprendizagem é o ambiente escolar, trata se de um ambiente organizado, para que ocorram as práticas educativas. Nesse ambiente o professor tem um papel fundamental na preparação, organização e desenvolvimento da aprendizagem.

O espaço físico interno e externo das escolas é tema de debate para os que primam pela qualidade das práticas pedagógicas em educação infantil e que procuram proporcionar melhor desenvolvimento e aprendizagem para as crianças.

De acordo com Zamberlan, Basani e Araldi:

Os espaços dedicados às crianças devem ser organizados para atender as suas necessidades particulares, ou seja, respeitar cada faixa etária, bem como o ritmo de cada um, utilizando os diversos espaços disponíveis, como as salas de aulas, o pátio da escola, o parque dentre outros. "Importante é garantir que todos esses espaços promovam o desenvolvimento global da criança, sua autonomia, liberdade, socialização, segurança, confiança, contato social e privacidade". (ZAMBERLAN, BASANI, ARALDI, 2007, p.248.).

O ambiente é construído pelo professor, crianças e gestão escolar e para que a aprendizagem aconteça nesses espaços é necessário que muitos fatores estejam favoráveis como: o ambiente físico precisa ser agradável, os recursos e materiais devem ser atrativos e a criança deve ser estimulada ao aprendizado a todo o momento. Pois a ação do professor faz a diferença na aprendizagem do educando.

Para Greenman:

Um ambiente é um sistema vivo, em transformação. Mais do que o espaço físico, inclui o modo como o tempo é estruturado e os papéis que devemos exercer, condicionando o modo como nos sentimos, pensamos e nos comportamos, e afetando dramaticamente a qualidade de nossas vidas. O ambiente funciona contra ou a nosso favor, enquanto conduzimos nossas vidas. (GREENMAN, 1998.).

O ambiente é visto como algo que educa, ele é considerado o segundo educador. Precisa ser flexível, frequentemente deve ser transformado pelos professores e pelas crianças a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção de seu conhecimento. Os espaços construídos para criança e com a criança devem ser explorados pela mesma, em uma relação de interação total, de aprendizagem, de troca de saberes, de liberdade de ir e vir, de prazer de se divertir aprendendo. A criança através do meio cultural, das suas interações com o meio seja em um trabalho individual ou coletivo é a verdadeira construtora do seu conhecimento.

Faria afirma:

[...] o espaço físico assim concebido, não se resume a sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa tornar se um ambiente, isto é, ambientar as crianças ou os adultos: variando em pequenos e grandes grupos de crianças, misturando as idades, estendendo se à rua, ao bairro e à cidade, melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo as exigências das atividades programadas individuais e coletivas, com ou sem a presença de adultos e que se permite emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisto, os saberes espontâneos infantis. (FARIA, 2001, p. 70-71.).

O espaço físico e social é de grande importância para o desenvolvimento infantil, pois auxiliam na construção das funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Barbosa e Horn acrescentam: "Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida". (BARBOSA; HORN, 2001, p. 73.).

A criança é marcada pelo meio social em que se desenvolve, e que também deixa suas próprias marcas neste meio, que tem a sua família como seu principal referencial. O espaço infantil deve priorizar e ocasionar a história da criança para o seu contexto e através disto promover a troca de saberes entre as crianças.

Nas palavras de LorisMalaguzzi:

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem estar e segurança nas crianças. Também pesamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele. (MALAGUZZI, 1984,apud. apud EDWARDS;

GANDINI; FORMAN, p. 148.).

De acordocom o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (BRASIL, 1998, p. 21.).

Organizar o espaço escolar não é fácil. Exige muito trabalho, dedicação e força de vontade. Esse espaço deve incluir toda a comunidade escolar, privilegiar todas as áreas do conhecimento, desenvolvendo projetos que incentivem a participação e desperte o interesse das crianças considerando a utilização desse espaço e o tempo disponível para as atividades.

As produções das crianças podem e devem ficar expostas nos espaços da escola como: Sala de aula, parque, pátio, refeitório, corredores etc.

O trabalho com os materiais e brinquedos não estruturados podem virar excelentes projetos para trabalhar com as crianças, e todo processo pode ser fotografado e registrado de diversas formas pelo professor mediador. E depois pode tornar se uma bela exposição contemplando os espaços da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho pode se compreender a importância do tema abordado na rotina escolar infantil. O brincar está em todos os lugares, na rua, em casa, condomínios, parques, shoppings etc. Mas é dentro das escolas que ele mais acontece. A brincadeira é uma ferramenta muito rica e cabe ao professor mediador torná-la mais poderosa, por meio das suas intervenções planejadas ou não, porque muitas vezes as próprias crianças resolvem seus “problemas” sem precisar do professor durante aquela situação.

Propor atividades e projetos de curto e longo prazo para descobrir e avaliar o brincar “natural” das crianças, a brincadeira torna se prazerosa a partir do momento que a criança relaciona se com os colegas, e tem liberdade de escolher os materiais não estruturados que quer utilizar naquele momento, quando existe interação entre o ambiente educacional, quando o espaço que acontece a brincadeira é adequado, quando existe curiosidade e vontade durante o processo. O importante é dar condições para as crianças experimentarem novas vivências e estimular esse novo brincar que irá contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

Logo, conclui - se que há necessidade de se pensar mais sobre a importância dos materiais e brinquedos não estruturados na rotina escolar das crianças. Pois o brincar com materiais não estruturados possibilita o desenvolvimento da inteligência e assim damos oportunidade da criança explorar suas habilidades criativas que tem relação com os saberes já consolidados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São

Paulo: Loyola, 1994.

ALVES, R. Folha de São Paulo, dez.2002. Disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 31/06/2016.

BARBOSA, M. C.; HORN, M.G.S. Organização do espaço e do tempo na Educação Infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Org.) Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As Cem linguagens da Criança. Vol. I. Penso. 2016.

FONTANA, R.; CRUZ, N. Psicologia e trabalho pedagógico.1. ed. São Paulo:

Atual, 1997.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil.In: KISHIMOTO, T. M. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo, 2006, p. 13-43.

KRAMER, S. Com a pré-escola nas mãos: uma proposta curricular. São Paulo:

Ática, 1989.

LINN, S. Criança e Consumo entrevistas: A Importância do Brincar. 2010

MEIRELLES, R.; REEKS, D.Território do brincar Diálogos com escolas.

Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em 25/06/2016.

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Vol. 1. Brasília: MEC, SEF, 1998a.

OLIVEIRA, P. S. O que é brinquedo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

POLETTO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar.Mringá, v. 10, n. 1, jan/ab. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 05/08/2016.

RIGOLLI, F. Brincar de Aprender: por uma pedagogia na primeira infância. São Paulo: Metalivros, 2009.

VYGOTSKY. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Zamberlan, M. A. T., Basani, S. I. S., &Araldi, M. (2007). Organização do espaço e qualidade de vida: Pesquisa sobre configura-